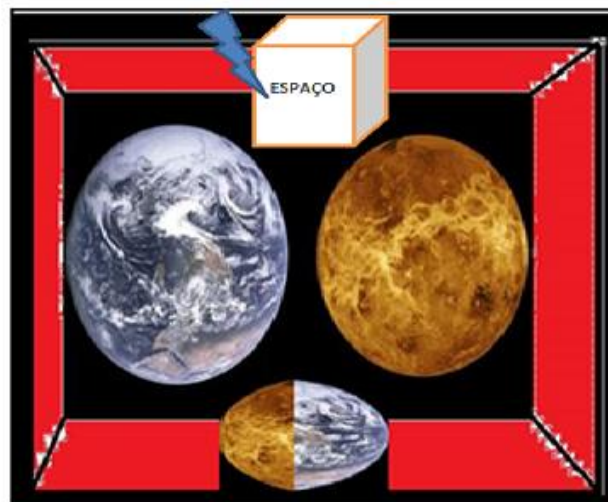


A GEOGRAFIA DE SCHRÖDINGER



JULIO CESAR VAZ NITSCHE

1ª edição

CURITIBA - PARANÁ

- 2017 -

Julio Cesar Vaz Nitsche

A Geografia de Schrödinger

Curitiba

1ª edição

Edição do autor

2017

NITSCHÉ, J. C. V.

A Geografia de Schrödinger: ed. Independente / J.C.V Nitsche; 1ª ed. – Curitiba, 2017.

26p. ; 21cm

ISBN: 978-85-920924-8-1

1. Filosofia da Ciência - Questões filosóficas. 1.1 O Gato de Schrödinger. 1.2 Análises das propostas de Feyerabend no âmbito geográfico.
2. Críticas às avaliações de pesquisas e formação de pesquisadores
3. Interatividade e conectividade metodológica/teórica

A REPRODUÇÃO É RESTRITA

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por qualquer meio de mídia: fotográfico, fotocópia, fotomecânico, nem mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, sem a devida referência bibliográfica (esta fonte).

Capa: Valéria C.V. Nitsche e Denise R.A.P.V. Nitsche

Montagem própria com utilização de imagem de domínio público

In: <https://www.jpl.nasa.gov/spaceimages>

“O conhecimento é uma aventura em aberto. O que significa que aquilo que saberemos amanhã é algo que desconhecemos hoje; e esse algo pode mudar as verdades de ontem”.

Karl Popper

APRESENTAÇÃO

Críticas à falta de respeito com a ciência é o que se evidenciará neste livreto. No intuito de elevar a moral e a ética dentro do âmbito geográfico e científico. Além desta temática, este manuscrito retrata a analogia entre a caixa do gato de Erwin Schrödinger, publicado na revista alemã: “DIE NATURWISSENSCHAFTEN”, no ano de 1935, que se encontra no site: http://www.psiquadrat.de/downloads/schroedinger35_katze1.pdf, com as geografias de nosso momento atual.

Nesta alegoria o autor insere as geografias dentro da caixa.

Os resultados e as observações feitas, serão explanadas neste livro.

AGRADECIMENTOS

Demonstro profundo respeito e gratidão àqueles que me ajudaram durante minha trajetória existencial e de atuação.

Às pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram e iluminaram minha vida nos momentos mais sombrios. Logo; estes são representantes da sociedade em geral, tais como: meus pais, meus avós, minha família, todos os que me conhecem e que me auxiliaram: militares, profissionais da saúde (doutores, médicos, psicólogos, dentistas, enfermeiros, atendentes, técnicos, enfim; todos dessa área), profissionais da educação e cultura, servidores públicos, aos que rezaram/oraram por minha pessoa, parentes e conhecidos.

Não citarei nomes, porque são tantos e não quero cometer o erro de esquecer uma pessoa se quer...mas tenho certeza que todos sabem quem são e o que fizeram por mim.

*"pensamentos sem conteúdo são vazios;
intuições sem conceitos são cegas"*

(Kant)

SUMÁRIO

Apresentação.....	8
Schrödinger e seu gato	9
Anarquias científicas e a crítica aos títulos acadêmicos.....	12
A Geografia de Schrödinger.....	20
Bibliografia consultada.....	25

APRESENTAÇÃO

Este manuscrito é uma crítica ao descaso científico e a falta de cientificismo e com o compromisso ao/no trato científico acadêmico (ensino universitário). Além do enaltecimento à títulos acadêmicos, que em muitos casos, não relevam enriquecimento ao conhecimento e do saber.

As análises aqui postuladas, demonstram que a geografia física e a geografia humana se complementam, mas não da maneira como se observa hoje (2017).

Não há como ter respeito científico e social, se mantivermos duas ciências distintas com o mesmo nome em duas áreas divergentes, que se mantêm em uma ramificação. Além deste fato, ainda nos defrontamos com o preconceito acadêmico.

Gostaria de convidar os nobres colegas a realizarem uma experiência:

Saiam às ruas e perguntem às pessoas o que é geografia. Depois, analisem se alguém do âmbito científico (todas as grandes áreas e suas ramificações) concebe a geografia como sendo ciência. Nesse ponto, sugiro que iniciem pelas engenharias.

Ao realizarem estes dois processos e se derem por satisfeitos, é porque: a) mentiram, b) são amigos, c) não houve interesse comum em alguma questão de planejamento.

Mas do por quê disto?

Sugiro que executem outra incursão às ruas e às áreas e ramificações científicas. Questionando o seguinte:

Quais são as ciências que você entende que é ciência de verdade? E qual você respeita mais?

Garanto que a Física irá receber a maior porcentagem de votos. Ficando as geografias com a menor. Se duvidam...façam o teste!

Mas por quê acontece isso?

Esta resposta será dada ao analisarmos a experiência que vitaliza o título deste livro. Conforme se inicia:

SCHRÖDINGER E SEU GATO

O físico Erwin Schrödinger, nascido na Áustria, na cidade de Viena, no ano de 1887. Publicou um artigo na revista “DIE NATURWISSENSCHAFTEN”, em 29 de novembro de 1935, denominado de: “Die gegenwärtige Situation in der Quantenmechanik”.

DIE NATURWISSENSCHAFTEN

23. Jahrgang

29. November 1935

Heft 48

Die gegenwärtige Situation in der Quantenmechanik.

Von E. SCHRÖDINGER, Oxford.

Inhaltsübersicht.

- § 1. Die Physik der Modelle.
- § 2. Die Statistik der Modellvariablen in der Quantenmechanik.
- § 3. Beispiele für Wahrscheinlichkeitsvoraussagen.
- § 4. Kann man der Theorie ideale Gesamtheiten unterlegen?
- § 5. Sind die Variablen wirklich verwaschen?
- § 6. Der bewußte Wechsel des erkenntnistheoretischen Standpunktes.
- § 7. Die ψ -Funktion als Katalog der Erwartung.
- § 8. Theorie des Messens, erster Teil.
- § 9. Die ψ -Funktion als Beschreibung des Zustandes.
- § 10. Theorie des Messens, zweiter Teil.
- § 11. Die Aufhebung der Verschränkung. Das Ergebnis abhängig vom Willen des Experimentators.
- § 12. Ein Beispiel.
- § 13. Fortsetzung des Beispiels: alle möglichen Messungen sind eindeutig verschränkt.
- § 14. Die Änderung der Verschränkung mit der Zeit. Bedenken gegen die Sonderstellung der Zeit.
- § 15. Naturprinzip oder Rechenkunstgriff?

§ 1. Die Physik der Modelle.

In der zweiten Hälfte des vorigen Jahrhunderts

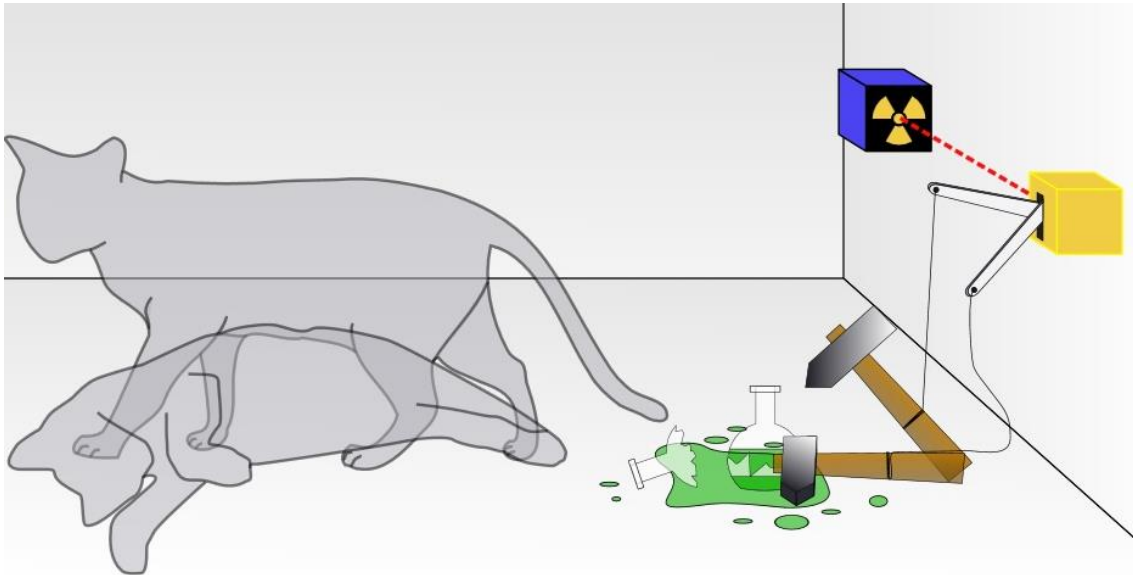
Gebilde, das sich mit der Zeit verändert, das verschiedene *Zustände* annehmen kann; und wenn ein Zustand durch die nötige Zahl von Bestimmungsstücken bekannt gemacht ist, so sind nicht nur alle anderen Stücke in diesem Augenblick mit gegeben (wie oben am Dreieck erläutert), sondern ganz ebenso alle Stücke, der genaue Zustand, zu jeder bestimmten späteren Zeit; ähnlich wie die Beschaffenheit eines Dreiecks an der Basis seine Beschaffenheit an der Spitze bestimmt. Es gehört mit zum inneren Gesetz des Gebildes, sich in bestimmter Weise zu verändern, das heißt, wenn es in einem bestimmten Anfangszustand sich selbst überlassen wird, eine bestimmte Folge von Zuständen kontinuierlich zu durchlaufen, deren jeden es zu ganz bestimmter Zeit erreicht. Das ist seine Natur, das ist die Hypothese, die man, wie ich oben sagte, auf Grund intuitiver Imagination setzt.

Natürlich ist man nicht so einfältig zu denken, daß solchermaßen zu erraten sei, wie es auf der Welt wirklich zugeht. Um anzudeuten, daß man das nicht denkt, nennt man den präzisen Denkbehelf, den man sich geschaffen hat, gern ein

Fonte: Internet – domínio público (2017)

Onde registra sua equação com a finalidade de demonstrar que as observações de Copenhagen se aplicavam apenas ao cotidiano social.

Schrödinger, apresenta um paradoxo incomum, até mesmo para os dias atuais, onde um gato fica confinado em uma caixa, com um reservatório contendo um artefato radioativo. Conforme pode-se observar na figura adquirida do site: https://www.google.com.br/search?q=gato+de+schrodinger&source=lnms&tbm=isch&sa=X&sqi=2&ved=0ahUKEwj2t7fsnPPTAhuGUJAKHS5_AwsQ_AUIBigB&biw=1600&bih=791#imgrc=MHLMXjgSKKNbM



Sendo ainda encontrado neste site: <http://hypescience.com/gato-de-schrodinger-solucao/>

Essa figura é a que melhor representa o experimento. Porém; as observações de Schrödinger direcionam a três realidades possíveis:

- a) O gato vivo
- b) Gato morto
- c) Nem morto, nem vivo (“zumbi”). Formando ou criando uma terceira realidade.

Demonstrado a experiência, pode-se espelha-la ao propósito deste manuscrito. Onde o gato será substituído pelas geografias, que todos denominam de Geografia. Porém existem três geográficas em uma. “geografia humana”, “geografia física” e “geografia pedagógica/escolar”. Isso no campo observacional institucional, porque se for analisar seus articulados teóricos e epistemológicos, teremos várias geografias.

Conforme se evidencia na página 25 do livro “Conjecturas Geográficas” 2ª ed. NITSCHKE (2017):

(...) “Em seus relatos na página <http://www.geocritica.com.br/texto05.htm>, que recebe o título de: “Definições/comentários sobre a Geografia”, corrobora com o que se afirma. Expressando a seguinte mensagem:

“O que é a Geografia? Essa é uma questão que atravessa séculos, com diferentes pontos de vista. Um especialista chegou até a dizer -- com um visível exagero -- que existem tantas geografias quantos geógrafos. (...)”

Não há exagero nenhum nas formulações deste especialista, que Vesentini mencionou. Há um enxerto de aspectos e características geográficos(as), que na realidade não são de atribuição da Ciência Geografia. Mas que se concretizam como tal, desenvolvendo e fomentando a percepção de muitas geografias.

Este fato acontece porque não se define o objeto de estudo das geografias e todas se transformam virtuosamente, levando-nos a crer em uma Geografia. Assim como a “Matrix” do espaço criado pela sociedade.

Nesse ponto, nosso caro leitor deve estar se perguntando:

Mas o que isso tem haver com o gato de Schrödinger? Era isso que o autor queria mostrar...que existe várias geografias!

A intensão deste, é levar ao conhecimento público e científico geográfico, a seguinte mensagem:

Este é o momento histórico para desenvolvermos uma ciência verdadeiramente ética e científica. Deixando para trás as mesquinhas acadêmicas e modelares que se denomina ciência, que vem sendo realizado desde o Século XVI.

Em nosso tempo atual, os pesquisadores e cientistas, ainda estão presos nestes moldes e já está mais que na hora de mudar tal postura. Tendo como expoente e servindo de exemplo às classes científicas.

Mas para que se alcance tal objetivo e qualidade no desenvolvimento científico ético e moral, deve-se eliminar as anarquias científicas. Como retratado nas linhas que se seguem:

ANARQUIAS CIENTÍFICAS E A CRÍTICA AOS TÍTULOS ACADÊMICOS

Este capítulo tem tudo haver com as observações de Feyerabend, sobre seu tratado anárquico epistemológico e com sua obra “Contra o Método” (1975). Que de anarquismo não tem nada! Principalmente se nos atermos aos preceitos gregos e finalizando nos conceitos atuais de Popper e Lakatos. E as análises são postuladas em uma observação lógica e real dos fatos científicos e principalmente, das críticas ao modelo de se fazer ciência. Mas suas abordagens deveriam ser anuladas por Lakatos, para que se estabelecesse um novo rito aos procedimentos éticos e científicos. Porém, devido a fatalidade ocorrida com Lakatos, Feyerabend deixou a replica à sociedade científica.

“Este ensaio é a primeira parte de um livro a propósito do anarquismo que seria escrito por Lakatos e por mim. Cobia-me atacar a posição racionalista; Lakatos, por seu turno, reformularia essa posição, para defendê-la e, de passagem, reduzir meus argumentos a nada.”

Paul K. Feyerabend. 1977 (p.8).

Retratar-se-á, três exemplos da verdadeira anarquia que os pesquisadores (não apenas os geógrafos), desenvolvem no âmbito de suas pesquisas e na formação de seus acadêmicos (especialistas, mestres e doutores).

Inicia-se com as observações da página 54, do livro “Os sociólogos não descrevem a Terra” - NITSCHKE (2016):

(...) “Ao se prestar a atenção nos levantamentos realizados pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP-2002), que se encontra na página:
http://observatorio.wwf.org.br/site_media/upload/gestao/planoManejo/PM_PE_RioGuarani.pdf
e compará-los com os livros “Três Barras do Paraná” (2000 e 2016), perceberá uma semelhança intensa entre um e outro. Pois se visualiza a implementação do “Diagnóstico Interativo”, in: NITSCHKE, J.C.V. & ALMEIDA, C. D. de. “Proposta Metodológica para Elaboração de Diagnósticos Municipais”. Rev. Paran. Geogr. N. 5, Curitiba, 2000 p. 49-54.” (...).

O texto ora lido, refere-se ao procedimento metodológico utilizado por uma equipe técnica do IAP, para o desenvolvimento de plano de manejo do Parque Guarani. Sendo um exemplo externo ao campo geográfico.

Deve-se ressaltar, que além de não referenciar e mencionar o diagnóstico municipal, a função da geografia, neste projeto, se limitou apenas ao processo de mapeamento (Arcview), como se a geografia se dedicasse única e exclusivamente a transfixação, transferência e cópia de caracteres cartográficos. Ou seja: Cartografia. Geografia não é cartografia!

A função do geógrafo vai muito além da elaboração de cartas com o uso de um software. É necessário se impor no mercado trabalho e dar mais valor em sua função e dedicação. Isso não significa que estou rebaixando ou menosprezando o profissional cartógrafo. É que são duas profissões completamente diferentes. Porém, as geografias não podem exercer suas funções sem os mapeamentos. Já a Cartografia, executa esta função com ou sem as geografias.

Adentraremos agora em outra anarquia, porém esta se estabelece no campo geográfico. Conforme se observa:

A pesquisa que se analisará, será esta:



OBJETO DE ESTUDO DA GEOGRAFIA: a análise do conceito segundo os professores da rede pública de ensino de Londrina-PR.

ORIENTADORA: PROF^ª. DR^ª. ADREANA DULCINA PLATT

Londrina, PR
2014

Neta pesquisa, há uma série de problemas que envolve terminologias chaves para o entendimento das propostas de descarte do espaço como objeto de estudo das geografias. Além de demonstrar a falta de interesse da leitura desta dissertação, pelos envolvidos na sua elaboração e orientação. Principalmente pela banca examinadora.

Esta pesquisa é de suma importância, porque direciona as geografias à sociedade. Ou seja: É uma ferramenta para que os pesquisadores possam melhorar o

entendimento das geografias, tanto em seu âmbito (ensino superior), como nas dependências da rede pública de ensino de base.

Mas não foi cientificamente levada a sério esta dissertação (pelos envolvidos – banca examinadora e orientação), prejudicando, assim, suas análises.

Tal fato se estabelece nas páginas 102 e 103:

(...)

Devemos considerar, portanto, que mesmo a Geografia elegendo o espaço como seu principal representante, o termo sozinho pode caracterizar uma noção vaga de um espaço absoluto. O espaço para a Geografia não pode ser considerado pelos mesmos termos tal como os utilizados pela física quântica (como o “espaço sideral”), mas deve ser entendido como um espaço concreto, assim apresentados por Nitsche (2001, p.39):

A Geografia se preocupa com as atividades e relações humanas no meio, sendo este o ponto fundamental. Deve atribuir como objeto de estudo da Geografia a **RELAÇÃO SOCIEDADE/NATUREZA**. Este deve ser de fato o estudo e ponto de partida no desenvolvimento das pesquisas e dos trabalhos geográficos (grifos no original).

Neste contexto, é necessário não mais teorizar o espaço, mas utilizá-lo como pano de fundo nos questionamentos geográficos; parar de teorizá-lo e começar a trabalhar nele.

A Física quântica raramente se utiliza deste termo: espaço sideral. Este termo foi amplamente utilizado nos anos de 1950 e 60, referindo-se a totalidade do espaço cósmico (Universo em sua totalidade). É utilizado na Física tradicional e pela Astronomia. Pouco se usa na quântica.

Eu, Julio Cesar Vaz Nitsche, nunca mencionei que o espaço deve ser utilizado em segundo plano. Eu afirmei que: Os geógrafos atuais, dizem que estudam o espaço, mas que na verdade, seus estudos se estabelecem nos processos sociológicos. Ficando o espaço em segundo plano.

E afirmo ainda que: O real objeto de estudo da Geografia é a relação sociedade com a natureza! Confirmando tal fato na obra: “Conjecturas Geográficas” 2ª ed. 2017.

Que interpretação de texto é essa?

E por quê não foi visto pela banca examinadora?

E finalizando as análises, desta pesquisa, evidencia-se a falta de referência com relação ao artigo ora demonstrado. Que se encontra nesta página: www.revistas2.uepg.br/index.php/exatas/article/viewFile/753/669

Nesse momento deve aparecer alguém e dizer: Mas você está sendo antiético!

Falta de ética é permitir estes três exemplos que ora exponho!

Trata-se da moral e honra de uma pessoa. Podendo-se, extrapolar, para a moral e honra da ciência.

Ou podemos nos embasar em Kant, Nietzsche. Mas Sartre afirma:

“cada homem é responsável por toda humanidade”.

Tendo em mente que: Se há três exemplos. Imaginem quantos existem dentro das ciências (todas as áreas)?

Mas afinal...para que serve um papel escrito “Título de...(todos os atributos, denominações e funções)”?

Finalizando então estas observações, incluiremos a última pesquisa. Que será retratada assim:

MICHELINE COSTA DE MENESES

CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A
FORMAÇÃO DE CIDADÃOS: UMA ABORDAGEM DO PROCESSO DE
ENSINO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista em Educação.

Área de Concentração: Cotidiano Escolar Práticas
Pedagógicas

Orientadora: Ms. Rosilene Agapito da Silva Llerena

Encontraremos os mesmo problemas, porém; o artigo foi referenciado, mas de forma errada. Mas vamos observar o que de fato ocorre com esta especialização:

Na página 28, encontramos a seguinte transcrição:

(...)

vida nela existe; é a sociedade encaixada na paisagem, vida que palpita conjuntamente com a materialidade". Entende-se que a paisagem referida por Milton Santos, é natural ou artificial¹ (original modificada pelo homem). Para Kosel(1999 apud NITSCHE, 2001, p.37)

é imprescindível adquirir uma visão de conjunto, de mundo, de sociedade e natureza. Pensando a cidadania como participação, integração a um todo maior estabelecido e vivido na realidade através da relação sociedade natureza, na produção do espaço. E a geografia é o veículo que elegemos para este "estar no mundo". Viver, pensar, participar, localizar-se neste dinâmico e contraditório é o que denominamos de espaço Geográfico. A Terra é o lugar de múltiplas relações e a Geografia é uma das lentes que permite a sua leitura. O olhar geográfico sobre o mundo se projeta através destas múltiplas relações, onde o aluno é produtor do espaço e o espaço é o produto. Os homens produzem seus espaços.

Com essa explicação fica claro que o espaço não é criado pelo homem, mas passa por constantes processos de transformação, seja pelo homem ou por processos físico-químicos naturais o que convém chamar de ambientes artificiais criados ou modificados. Desta forma, evidencia-se está tratando dos ambientes terrestres. Mas o espaço sideral também é considerado para estudo pela Geografia, com seus corpos celestes e elementos que interagem e influenciam nas relações sociedade/natureza e na dinâmica dos elementos físico-químicos terrestres.

(...).

A Prof^a Dr^a Salete Kosel (UFPR), **NUNCA** foi contra a criação de espaço pela sociedade, ela sempre defendeu e defende as análises do Imo. Sr. Dr. Milton Santos. E a transcrição de seu artigo, diz exatamente isso!

As análises desta aluna, não deixa de ser um desrespeito ao trabalho de Kosel e às análises de Milton Santos. Que também se evidencia, como um desrespeito, com este que vos escreve.

Essa interpretação, só pode ter ocorrido de três formas:

- a) A orientação dirigiu para este fim, porque o autor não tem doutorado.
- b) Tentou-se "enriquecer" a sua monografia inserido conceito de alguém com doutorado. Mas que na verdade, este conceito é de alguém que não possui tal título. (tentou-se um mascaramento).
- c) Ou a pior hipótese de todas: Não sabe interpretar textos. E nesse sentido, não somente a aluna, mas todos os envolvidos são responsáveis.

Não é o título que vai mudar as coisas, é a formulação reprogramada do pensamento intelectual de uma pessoa. Podendo citar: Marx e Jobs. Esses não eram doutores!

Finalizando estas análises, pode-se inserir a referência bibliográfica:

KOSEL, S. Produção e reprodução do espaço na escola: uso da maquete ambiental, 1999. In: NITSCHKE, J. C. V. **Espaço... realmente é o objeto de estudo da Geografia?** Publicado pela Universidade Federal do Paraná – Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias e Engenharias: 2001, p. 33-41. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/exatas/article/viewFile/753/669>>. Acesso em: 26 de jun. 2014.

O artigo é de minha autoria e foi aceito e publicado pela Revista da Universidade Estadual de Ponta Grossa, **PUBLICATIO** – UEPG. Que se encontra no link em que a própria aluna inseriu. Logo; está correto este link.

Sendo assim dito; evidencia-se um desrespeito com a UEPG, principalmente no que se atribui à sua Revista **PUBLICATIO**.

Encerra-se assim, estas análises e se nosso caro leitor, iniciar uma busca pelos trabalhos desenvolvidos, que envolvam seus nomes, provavelmente irão encontrar as anarquias aqui evidenciadas.

As publicações científicas devem ser levadas a sério. Tendo em mente, que se são aprovadas, é porque passou pela análise de profissionais que devem levar a sério o cientificismo. Mas que não se utilizem de títulos ou nomes, mas sim, do cientificismo e da mensagem que o artigo possui.

Estas duas pesquisas ora analisadas (geográficas), são de suma importância aos preceitos científicos. Porque irão se reverter em ensinamentos à população em geral. Principalmente aos alunos do ensino fundamental e médio!

E qual a mensagem que queremos entregar aos futuros doutores e mestres com este tipo de atuação?

Que ciência queremos? - Essa anarquia que fôra demonstrada?

Que tipo de livre-docentes teremos com tais procedimentos?

É por este motivo, que o geógrafo não é visto com bons olhos. Nem como professor e muito menos como cientista/pesquisador.

A falta de fundamentos filosóficos e ético, associado a falta de compromisso, é que propicia este tipo de prática e de atuação. Além da visão negativa que a sociedade em geral possui.

A formação acadêmica dos profissionais não se preocupa com tais eventos. Os doutores, mestres e especialistas são carentes destes princípios. E isso reflete no modo de se avaliar um aluno.

Assim dito; pode-se explicar porque existem trabalhos e pesquisas que remetem ao absurdo. Surgindo teses de doutorado que não servem para absolutamente nada. Nem para a sociedade civil, muito menos para a ciência.

E ainda relevam importância exagerada nestes títulos = doutorado, mestrado e especialização. Pois; se fossem importantes, não teríamos as aberrações demonstradas nestes três exemplos ora analisados.

O que muitos títulos representam, nada mais é que: Uma padaria especializada em pão de forma.

Além, de muitos doutorandos e mestres, demonstrarem a falta de imaginação para propor algo novo e plagia trabalhos e propostas de outros, que nem títulos superiores possuem (como já demonstrado). Pois; um dos requisitos para o doutoramento, é desenvolver algo inédito/novo.

E por falar em algo novo e inédito, deve-se ressaltar ao pronunciamento da banca de avaliação, que irá decidir se o seu projeto pode ou não ser aceito para os cursos superiores (mestrado e doutorado), sendo que algumas instituições, também utilizam no processo de aceite da pesquisa de graduação.

Que indaga:

Quais as categorias de análises elegidas por sua pessoa?

Aqui é se observa, ou melhor, inicia a implementação de hipóteses ad hoc. Uma hipótese para o caso. Que Popper repudia e Feyerabend implementa em suas análises. Por quê?

O sujeito não pode inserir as suas análises ou se utilizar de pré-conceitos ao moldar sua pesquisa. Ou seja: Se eu já sei quais são as categorias de análises. O que de fato eu quero estudar?

Logo; vem o intelecto, possuidor de um título no seu quadro emoldurado na parede e diz: O OBJETO...seu IGNORANTE!

Sim...é o objeto! Mas se eu insiro as categorias nesse objeto, não estou mais desenvolvendo uma pesquisa. Estou afirmando que o objeto possui as categorias que eu disse ter. E toda a pesquisa, será moldada ao meu objetivo = afirmar que estou certo (Que há estas categorias). A única coisa que resta a fazer, é aprofundar o conhecimento ao movimento real destas categorias. Mas as análises, já estão comprometidas, porque eu já conheço o objeto de estudo.

Não sou Marxista, e Marx também não o era. Mas nesse ponto, concordo plenamente com Marx. Ou seja: As categorias tem que ser extraídas do objeto e não o sujeito inserir categorias no objeto.

Voltando ao assunto da representação e titularidades:

E se nos atermos aos políticos (a representação de títulos), pois; esta classe é a que mais títulos detém. A titularização se remeterá aos avanços dos estudos de se corromper o indivíduo e de como ser corrupto. Além de falir um País!

Há um estímulo às pesquisas inúteis, que nos faz pensar depois. Conhecido como o premio “IgNobel”. O autor, este que vos escreve, é contra a tal proposta. Ou se faz ciência e recebe um premio adequado. Ou se faz metafísica e também recebe um premio pela questão abordada.

Mas não entregar um premio em uma formulação científica que se remete ao metafísico. Ou ao inutilíssimo!

No site: <https://www.bayerjovens.com.br/pt/materia/?materia=um-basta-as-pesquisas-inuteis>, que se intitula: Grupo de pesquisadores europeus e norte-americanos lançou manifesto contra os estudos improváveis que ameaçam a credibilidade da ciência.

(...) *“Para os cientistas que assinaram o manifesto, esse tipo de pesquisa compromete a própria credibilidade da ciência. O pesquisador espanhol Lluís Montoliu, do Centro Nacional de Biotecnologia, de Madri, concorda com essa preocupação e acrescentou, em [entrevista](#) ao jornal El País: “Ou detemos essa perda na reprodutibilidade dos resultados científicos ou perderemos o prestígio e a credibilidade que, por enquanto, a classe científica parece ter acumulado”. (...).*

O texto deste artigo virtual, refere-se a área da Biomedicina-Biomédica, onde se demonstra que o procedimento metodológico não é executado de forma rígida e dentro dos padrões que se deveriam seguir.

O cientificismo geográfico não é levado ao extremo respeito que deveria ter. Porque em uma ciência que se permite tais procedimentos (os dois exemplos - geografia) e que, os livre-docentes permitem e aceitam a flexibilização de termos e enunciados...NÃO É CIENCIA!

Ciência é a busca pelo saber da realidade verdadeira. E somente é possível o vislumbre da imagem real com atitudes e métodos rígidos e irrefutáveis aos padrões científicos verdadeiros. Não podendo ter flexibilizações em conceitos, definições, enunciados e em atitudes que se remetem ao metafísico mundo da chicana.

Este tipo de conduta, nos rebaixa ao anarquismo científico!

Os argumentos até agora expostos, nos mostram a verdadeira e pura anarquia. Depois ainda criticam de forma negativa Feyerabend. Que é contra a isto tudo que ora se evidenciou.

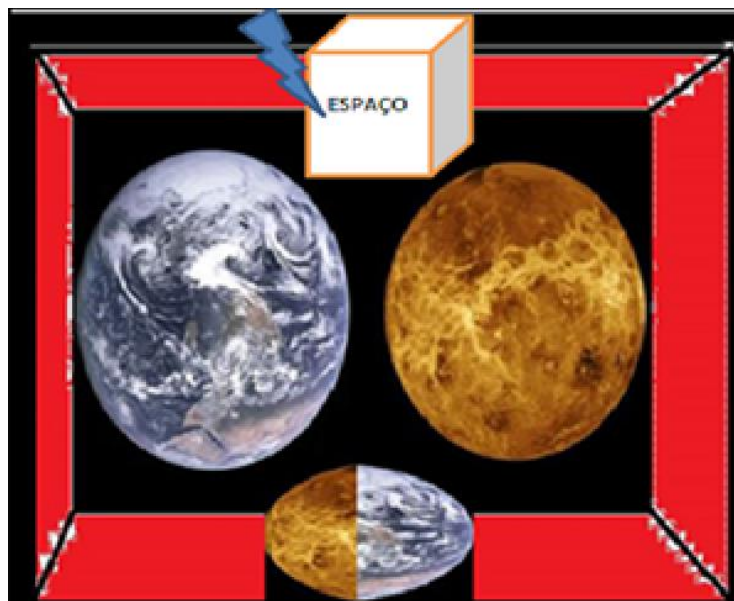
Com estes exemplos e amostras, pode-se ter uma visão geral do mundo científico e de como esta a fotografia da evolução científica. Se permitirmos...logo seremos extintos. E nossos sucessores, criarão um universo de inutilidades e se comportarão como zumbis que acreditam estarem desenvolvendo pesquisas e ciência etérea.

E por falar em pesquisa, vamos adentrar no capítulo final de nossa leitura, que retrata e dá vida ao título deste manuscrito.

O espaço é uma representação a priori necessária que subjaz a todas as intuições externas. Jamais é possível fazer-se uma representação de que não haja espaço algum, embora se possa muito bem pensar que não se encontre objeto algum nele. Ele é, portanto, considerado a condição da possibilidade dos fenômenos e não uma determinação dependente destes; é uma representação a priori que subjaz necessariamente aos fenômenos externos.

(Kant, 1987; p.38/39)

A GEOGRAFIA DE SCHRÖDINGER



In: NITSCHKE “Os sociólogos não descrevem a Terra” (2016), encontra-se a seguinte mensagem:

“(...) Não haverá geografia física e humana, pois o processo evolutivo da ciência, não irá permitir uma semi-ciência, dentro de uma área científica, que analisa as questões das relações sociedade/sociedade e a natureza. Porque para que este objetivo seja alcançado, e se estabelecer na íntegra o estudos destas relações e não do espaço, faz-se necessário estar na área geo – científica/ciências da natureza e não sociológica. Deixando as questões de ordenamento espacial aos sociólogos. (...)”

A designação “semi-ciência”, refere-se ao fato desta ciência social estar dentro de uma área de análises ambientais - física, sendo ainda estabelecida em área de análises humanística, transformando-se assim, em: metade humana e metade física.

Este fato, interfere ambos os lados, transformando as geografias em uma geografia com aspectos híbrido (“o Godzilla das ciências”). Que se fosse, apenas, uma questão de cunho metodológico e teórico, seria resolvido com as propostas de Feyerabend.

“Dificuldades iniciais provocadas pela alteração vêm-se afastadas por hipóteses ad hoc que, assim, desempenham, ocasionalmente, uma função positiva; asseguram às novas teorias espaço para se desenvolverem e indicam o sentido da pesquisa futura.” (In: Contra o método; tradução de Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977. (Cap.VIII, p.139).

Ou seja: as pesquisas geográficas se embasariam em hipóteses ad hoc e em métodos ad hoc. Que no caso aqui, se revela como: um método para cada caso. Isso nos permite utilizar de várias abordagens e métodos. Como realizados nos trabalhos de: HELEODORO, RODRIGUES e PLÁCIDO. “A Participação da Escola no Planejamento Ambiental Urbano”. Mafra, 2005. Monografia (Graduação) – Setor de Geografia da Universidade do Contestado Mafra/SC.

Outro trabalho de importante análise aos preceitos aqui ora demonstrado é de: STOEBERL, Marli. “Diagnósticos dos Impactos Ambientais/Sociais Causados Pelas Madeireiras no Município de Rio Negrinho-SC”. Mafra, 2005. Monografia (Graduação) – Setor de Geografia da Universidade do Contestado Mafra/SC.

Estas duas pesquisas, são de suma importância às análises científicas. E se utilizam de várias abordagens e métodos, embasadas em: NITSCHKE J.C.V. & ALMEIDA, C. D. de. “Proposta Metodológica para Elaboração de Diagnósticos Municipais”. Rev. Paran. Geogr. N. 5, Curitiba, 2000 p. 49-54. Sendo que esta proposta, foi elaborada inspirada nas considerações de Feyerabend e comprovam sua eficácia.

Confirmando as análises de Feyerabend e podendo ser aplicado ao setor/ramificação das geografias, sendo de grande auxílio às questões de/o planejamento ambiental.

Mas entendam, este tipo de abordagem, somente é possível porque não existe uma teoria que dê respaldo em confluências de linhas ambientais (física) com linhas sociais. Até o momento em que Feyerabend possibilitou tal feito. Porém; este efeito, somente é válido para as ciências sociais, ciências heurísticas e holísticas e/ou que se comportem como um híbrido científico. Que tenha que se ater aos trâmites de “fios condutores e conectores” para desenvolverem um estudo com respaldo científico incomensurável ou com aparente atributos incompatíveis. Tendo, ainda, aplicabilidade falseável que permite o rigor aos experimentos/métodos executados. E para se obter sucesso neste tipo de abordagem, faz-se necessário os dois “fios”. Somente um ou outro, sua análise será metafísica. Ou não revelará soluções/mitigações, será apenas descritiva crítica. Entendam, não é apenas a teoria que deve ter parâmetros falseáveis, mas o método também tem de ter tal característica. Pois; o método deve ser testado também, não apenas a teoria.

Ao se aplicar vários métodos e abordagens, mais próximo do real será o teste de sua tese/teoria. Pois; se aprovada por todos estes, sua teoria se revelará a realidade mais plausível da verdadeira concretude realista do que é ou de como é o que se observa. Tendo ainda, uma visão global dos fenômenos que abrange sua área de estudo, possibilitando desenvolver métodos que correspondam. Desta forma, a solução, mitigação e previsão de variáveis e fenômenos ocultos, serão revelados facilmente, de forma mais rápida, que com os atuais moldes.

Saindo desta abordagem sobre a implementação dos estudos de Feyerabend nas geografias, podemos continuar com o experimento de Schrödinger no mundo geográfico.

No momento presente, as geografias se apresentam como sendo: nem uma coisa, nem outra. Está em um “estado zumbi”. É o verdadeiro gato de Schrödinger!

É por este motivo, que temos que definir o objeto de estudo das geografias, transformando-a em uma.

E a proposta que ofereço, expressa-se no livro: “Conjecturas Geográficas” 2ª ed. (2017). Onde se revela o seguinte pensamento:

A geografia física deve se manter na área geocientífica – Ciências da Terra/ambientais. E a geografia humana desloca-se e se estabelece na área social, recebendo outro nome: Sociografia, porém; executando as mesmas atividades/funções.

Sendo assim, elas se complementam como todas as outras ciências e ramificações se complementam. Mas cada uma em sua área de representação e atuação observacional.

Deve-se ressaltar que: a compartimentação científica é importante, mas não se deve desmembrar tratados teóricos. Se existe um pesquisador, que, ao mesmo tempo é filósofo e atuante em várias áreas do saber, suas análises não devem ser compartimentadas e/ou redirecionadas às áreas que lhe cabe aquele trecho ou volume de sua obra. Pode-se citar como exemplo: a obra de Marx. Não existe um Marx economista, um Marx filósofo e um Marx das relações geopolíticas. Dito isso, pode-se adentrar na experiência da Geografia de Schrödinger:

Que ao quebrar o espaço, ou seja, retirá-lo como objeto de estudo, teremos uma Geografia. E não teremos mais três geografias. E sim, duas: uma científica ambiental/geocientífica e outra pedagógica. Sendo que esta voltada à pedagogia - ensino, estará sendo desenvolvida no âmbito da Sociografia (antiga geografia humana). Porque ainda não implementaram a proposta de se fundar uma universidade voltada para a transmissão do conhecimento, como os estudiosos e políticos estão pretendendo (Jornal Nacional, TV GLOBO 03/2017 – Brasil).

Ao findo desta realização, a geografia humana, que recebe outro nome – Sociografia ou uma melhor definição que propuserem, se encarregará definitivamente dos estudos das questões de formação territorial e dos processos pertinentes à territorialidade – questões puramente sociais. Porque é isto que se estuda na geografia humana atualmente. Além de não trazer soluções e somente críticas aos “tentáculos capitalistas”.

E existirá, dentro da universidade de transmissão do conhecimento, uma Geografia pedagógica/escolar. Ou pode-se absorve-la com as demais áreas do conhecimento sociais (pedagógico) e transformar todas em apenas um denominativo: Ciências Sociais – Estudos Sociais (humanística).

Desta forma dita, findo este manuscrito. Na intenção de poder colaborar com a elaboração de uma Geografia e na construção da arquitetura estrutural científica.

E deixo bem claro que: Não sou adepto de Marx, não sou marxista, comunista, socialista, e tudo que termina em ista, ismos e lismos. Detesto políticos e politicagem!

Não sou adepto de partidarismo, dos sistemas econômicos atuais e da maneira como os acadêmicos pesquisadores (os cientistas e pesquisadores) desenvolvem a ciência. Porque ainda estão presos nas mesquinhas do tempo de Michael Faraday.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. “Ética a Nicômaco”. 3ª ed. Trad. Mário da Gama Cury. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

FEYERABEND, P. “Adeus à Razão”. In: *Mestres da Modernidade*. Ed. Cultrix. São Paulo, 1987.

_____. *Contra o método*; tradução de Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.

_____. *Contra o Método*. In: *Mestres da Modernidade*. Ed. Cultrix. São Paulo, 1975.

GRIBBIN, John, “À procura do gato de Schrödinger”. Editorial Presença, Lisboa, 1986.

KANT, I. “Crítica da razão pura”. *Os pensadores* Vol. I. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

KORTE, Gustavo. “Iniciação à Ética”. São Paulo: Juarez Oliveira, 1999.

NITSCHKE, J.C.V. & ALMEIDA, C. D. de. “Proposta Metodológica para Elaboração de Diagnósticos Municipais”. *Rev. Paran. Geogr.* N. 5, Curitiba, 2000 p. 49-54.

_____. “Espaço...Realmente é o Objeto de Estudo da Geografia?”. *Rev. Publicatio - UEPG – Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias e Engenharias*: 7 (1), 33-41, 2001.

_____. *Três Barras do Paraná*, edição independente / J.C.V. Nitsche – 1ª ed. – Curitiba; 2016.

_____. “Conjecturas Geográficas”. 2ª ed. Independente / J.C.V Nitsche; 2ª ed. – Curitiba, 2017.

SCHRÖDINGER Erwin. “Die gegenw/irtige Situation in der Quantenmechanik”. Oxford. In: *Die Naturwissenschaften*, 1939.